

Afinidades com a Índia

O GLOBO
* 6 SET 1992

GEORGE VIDOR

Além da extensão territorial e do grande contingente de miseráveis, Brasil e Índia têm outra terrível similaridade: ambos são países retardatários crônicos que, ao longo da história, têm desperdiçado as ondas de transformação do mundo.

Na avaliação de um membro do board de uma das maiores corporações internacionais — que tem sob sua responsabilidade negócios da ordem de US\$ 4 bilhões anuais na América Latina — Equador e Brasil estariam, nesse momento, na lanterna entre as nações do continente que têm posto em prática políticas econômicas neoliberais. Até mesmo o Peru, que antes aparecia como último colocado, conseguiu melhorar muito sua posição, embora essa ascensão tenha sido interrompida com o golpe dado pelo presidente Alberto Fujimori.

Chile e México ocupam a dianteira da corrida para romper as amarras do subdesenvolvimento econômico, com larga vantagem sobre os demais. A seguir, viriam Venezuela e Argentina, ainda que no caso dos venezuelanos persistam problemas políticos (a inflação caiu após um forte

processo recessivo, mas o crescimento já está sendo retomado, embora os efeitos sociais dessa retomada sejam pouco perceptíveis). A Colômbia tem a perturbá-la o narcotráfico; porém, na economia, o ajuste tem sido bem mais fácil por lá, pois o país não chegou a vivenciar a hipertrofia das companhias estatais. A América Central como um todo deverá avançar no vácuo do México, à medida que o tratado de livre comércio com os Estados Unidos e Canadá, o Nafta (North American Free Trade Agreement), virar realidade.

Assim, das grandes economias do continente, sobra o Brasil, buscando formar massa crítica através do Mercosul, que, de fato, poderá ser um trunfo importante para o país. Mas a agenda de modernização econômica brasileira parece tão tímida em relação ao que se passa no restante da América Latina, que os executivos das grandes corporações internacionais já se perguntam se, como resultado da crise política institucional no país, haveria um eventual retrocesso ou uma desaceleração no processo de abertura (de fato, ninguém sabe se o vice-presidente Itamar Franco se sente comprometido com o programa que elegeu o presidente Collor ou se o Congresso Nacional, diante do enfraquecimento do Executivo, concorda-

rá em prosseguir com as mudanças na economia).

Esse tipo de dúvida é terrível, pois muitos projetos que começavam a ser retirados da gaveta podem voltar à estaca zero, e o Brasil não está em condições de ficar perdendo oportunidades. Dentro de sete a dez anos, a economia da Europa Oriental deverá estar reestruturada e não há dúvida de que as atenções se voltarão para lá. Nações retardatárias que não conseguirem recuperar durante esse período boa parte do atraso econômico, cairão no limbo.

Tudo isso é muito claro para os mexicanos, que puseram o pé no acelerador das transformações, arrastando até o velho modelo político do país. Os chilenos se tornaram pragmáticos (a coalização de democratas cristãos e socialistas que governa o Chile manteve a política econômica neoliberal que deslanchou em 1985, ainda na ditadura militar do general Pinochet; o país tem hoje superávit fiscal, inflação em declínio, redução de desemprego e crescimento econômico). E os argentinos estão se convencendo de que o programa do ministro Domingo Cavallo é bem mais abrangente do que a solução de emergência da dolarização.

O risco é de que o Brasil só se convença da necessidade de se engajar mais firmemente nessa onda

quando o ciclo neoliberal começar a entrar em declínio no planeta. Na Ásia, a Índia também se encontra no mesmo dilema, enquanto China, Coreia, Formosa, Indonésia, Malásia e Vietnã (surpreendentemente) estão colocando lenha nas caldeiras da abertura de suas economias.

O Brasil tem muitos trunfos que podem ajudá-lo a sair rapidamente da posição de lanterna. A economia informal brasileira já seria hoje equivalente ao Produto Interno Bruto da Coreia do Sul. Uma reforma fiscal que aliviasse a carga tributária estimularia boa parte desse segmento a sair da clandestinidade, aumentando incrivelmente a arrecadação (o projeto de ajuste fiscal enviado pelo Governo ao Congresso gerou um anticlimax, por não promover a simplificação esperada pelos contribuintes).

Os últimos acontecimentos mostraram que, do ponto de vista da consolidação das instituições democráticas, nenhum país avançou tanto no continente como o Brasil. Falta, então, fazer tudo isso funcionar em benefício da modernização para que a Nação rompa o círculo vicioso que aprisiona os retardatários.

George Vidor é redator e repórter especial do GLOBO.